

O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

RAQUEL DA SILVA FREITAS

Mestranda do curso de Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, raqueldasilvafreitas.ufpe@gmail.com

THAYS EMANUELLY ALVES DE ARAÚJO

Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste – UFPE/CAA, thaysemanuely.009@gmail.com

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado II do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste, o texto tem como foco mostrar uma aproximação com a prática docente, com o objetivo de compreender o estágio como uma atividade investigativa e de intervenção que relaciona com a teoria e prática de modo indissociável. A experiência foi em uma turma de ensino fundamental I e foram oportunizados momentos de orientação, de planejamento das observações das aulas, de regências, de avaliações, de realização de leituras, de reflexões e de discussões sobre as influências do estágio e sua importância para a formação docente. O estágio oportunizou a quebra da dicotomia entre teoria e prática, nos levando a perceber a aproximação entre ambas. A vivência nos leva a conhecer o cotidiano da vida escolar, seus desafios e possibilidades, tendo a figura do/a professor/a como mediador dos processos de ensino-aprendizagem e os/as estudantes como sujeitos ativos neste processo.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Formação Docente; Práxis.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado II do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste, tem como foco mostrar uma aproximação com a prática docente, com o objetivo de compreender o estágio como uma atividade investigativa e de intervenção que relaciona com a teoria e prática de modo indissociável. Desta forma, durante a experiência do estágio buscamos refletir sobre algumas inquietações que abrangem a concepção de estágio e os conceitos de prática e teoria.

Partimos da compreensão que, o/a professor/a se forma por meio de um processo de envolvimento do teórico inter-relacionado a situações concretas que se desenvolvem dentro dos contextos escolares. Dessa maneira, o estágio supervisionado é considerado como uma etapa essencial para a formação.

O estágio significa uma reflexão da prática em campo no início da formação e podemos superar a fragmentação conceitual entre teoria e prática. De acordo com Pimenta e Lima (2006, p. 6), “o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas”. Configurando-se, dessa forma, como campo de conhecimento. Logo, é importante destacar o conceito de prática e as dimensões da práxis. A prática tem uma relação direta com a ação, na qual está empregado um lado objetivo do/a profissional docente, onde se encontram o agir, o refletir, vontades, a forma de ensinar e as metodologias que pretende desenvolver.

O conceito de prática se refere a uma das dimensões da práxis. A Prática alude a atividade relacionada às necessidades imediatas que não questionam as formas como se constituem. Segundo Vazquez, (1977, p. 185), “toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis”. Nessa lógica, a atividade prática por si só não é práxis, assim como, a atividade teórica por si só também não se configura como práxis.

A compreensão de práxis se encontra como prática social transformadora, não se reduz uma ação, tampouco a pura teorização. O estágio como uma atividade investigativa e de intervenção se relaciona com a teoria e prática de modo indissociável. Assim, se constrói como prática consciente transformadora e formada teoricamente quando se constitui como práxis no âmbito da sala de aula.

A prática docente interligada a teoria tem uma finalidade, sendo esta pedagógica, relaciona-se ao processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, o estágio é compreendido como um espaço de possibilidades diversas na articulação de teoria e prática se relaciona a atitude de reflexão da prática e intervenção na vida escolar. A palavra práxis é muito utilizada como sinônimo ou equivalente ao termo “prático”, todavia, a partir da leitura de Vazquez (1997) observamos que “práxis” e “prática” são conceitos diferentes.

A nossa experiência foi vivida nos anos iniciais do ensino fundamental e permitiu reflexões iniciais sobre a nossa prática, nossa formação e identidade profissional através da reflexão, do diálogo e da intervenção. Nesse sentindo, as práticas, as metodologias, os modos de ser, de fazer e de estar na profissão aparecem durante essa experiência, quando está ancorada em uma perspectiva crítica-reflexiva. Dessa maneira, a realização e desenvolvimento de momentos de atividades aparecem com uma possibilidade de uma experiência que se aproxima de uma formação reflexiva, compreendendo os processos que ultrapassam a dualidade e o afastamento da teoria e prática.

Assim, nosso texto consiste em refletir sobre a prática de troca de conhecimentos e experiências entre todos os sujeitos envolvidos, estagiário/a, aluno/a e professor/a. Para organização do trabalho seguiremos com mais quatro sessões: a) a aproximação entre teoria e prática por meio do estágio; b) o espaço escolar e seus elementos ativos na formação dos sujeitos; c) reflexões sobre a aula como espaço de valorização e construção de conhecimentos; d) considerações finais.

2. A APROXIMAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA POR MEIO DO ESTÁGIO

A formação docente é baseada na reflexão sobre sua própria prática, assim entendemos que, o estágio é um dos pontos de partida para a formação inicial, é nessa etapa da formação que se consolidam conhecimentos fundamentais a serem conhecidos pelos professores e que se ampliarão/modificarão ao longo de sua vida profissional. Sabe-se que, o ato pedagógico do/a professor/a perpassa pelo ato político, não se dá de forma neutra, a sua concepção de mundo, de sociedade, de homem, de educação dentre outras concepções, interfere no ato de ensinar, já que consiste e um ato político. Assim, “o saber da formação provém da própria reflexão daquele que se forma” (MORAIS, 2015, p.114).

Neste percurso, entendemos o estágio como espaço no qual teoria e prática se relacionam de forma direta, permitindo que haja de acordo com Freire (2018) a criação e a recriação de práticas e não apenas o consumo delas. Sendo assim, com foco no estágio, Pimenta e Lima (2006, p. 14) enfatizam que “não é atividade prática, mas atividade teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como a atividade de transformação da realidade”. A práxis é firmada por um processo de ação-reflexão-ação, o que auxilia no processo de transformação social e também na transformação do indivíduo.

Desta maneira, a relação entre teoria e prática se dá desde a formação inicial e têm influências das diferentes vivências cotidianas do/a professor/a. O paradigma tradicional sugere que, durante a formação acadêmica, se pressupõe uma formação do pensamento teórico sobre como se ensina e separadamente se organiza a formação dos preceitos práticos. No entanto, contrário a essa concepção, entendemos que na trajetória percorrida pelos professores há a construção de novos conhecimentos o que oportuniza a quebra desse paradigma, logo, o processo de ensino se funda na perspectiva da unicidade teoria e prática que nunca se encerra.

Nesse sentido, Morais (2015, p.110) vem colocar que, “compreender as práticas significa compreender as condições de produções dessas, que são sempre histórica e socialmente situadas, não por meio de regras explícitas, mas a partir do senso prático do jogo, de jogar e jogo da aula”. Logo, sua formação inicial é apenas o primeiro ponto de uma trajetória que tem sempre renovação por outros conhecimentos no decorrer de sua vida.

Dentro desse contexto, compreendemos que a prática será coerente e consistente quando baseada na teoria, “e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade de sua transformação e que proponha as formas da transformação, estamos pensando a prática a partir da teoria (SAVIANI, 2005, p. 107). Por esta razão, os cursos de graduação buscam a aproximação entre teoria e prática por meio do estágio, e este emerge na perspectiva de ruptura da separação histórica entre os espaços formadores.

O estágio significa, dessa forma, uma reflexão da prática em campo, uma vez que no estágio conhecemos e temos acesso a realidade escolar e fazemos o uso da teoria e prática. É preciso compreender, acima de tudo, que a prática permeia todo processo formativo, por esta razão se

faz necessário conceituar a prática docente, pois a mesma é tida como objeto de discussão deste trabalho.

Nesse sentido, observa-se que a prática docente se configura por meio da prática de aprendizagem mobilizando todos os conhecimentos do/a professor/a, sendo uma tomada de consciência da profissão docente e um tempo de rememorar os conhecimentos anteriormente construídos no qual se aproxima o conhecimento da construção de si mesmo. Por conseguinte, os saberes dos/as professores/as aprendidos nas disciplinas e na formação profissional se reconstróem no dia a dia da sala de aula com experiência e no desenvolvimento de novos conhecimentos. Assim, é perceptível que a aprendizagem se efetiva em diferentes níveis e dimensões na atividade prática da aula.

Assim, em relação à atividade prática da aula, faz-se necessário compreender que, a relação professor/a-aluno/a no processo de ensino-aprendizagem constrói uma relação direta nas interações dos/as estudantes com o conhecimento proposto em sala de aula. Como fator de mediação os/as professores/as possuem espaços de ação estrategicamente construídos de acordo com avaliações pessoais de margens de autonomia adquiridas, possíveis e delimitados por regras de funcionamento do campo que estão inseridos.

Nessa perspectiva, compreendemos o estágio também como espaço de problematização da práxis educativa, ou seja, tem como foco a discussão, pesquisa, estudo, e não apenas levar os conhecimentos teóricos ao campo da prática, mas compreendê-los, elaborá-los, pensando a realidade vivida pelo/a futuro/a professor/a. Isso significa pensar o trabalho realizado nesse momento como ação intencional, ou seja, “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2005, p. 13). Portanto, o estágio aparece enquanto espaço de formação dos saberes necessários à prática docente e também de produção do conhecimento. Por isso, é uma prática que precisa ser intencional e fundamentada.

3. O ESPAÇO ESCOLAR E SEUS ELEMENTOS ATIVOS NA FORMAÇÃO DOS SUJEITOS

Nesse tópico temos como foco caracterizar a escola onde ocorreu o estágio. Para isso, entendemos que o espaço escolar é dotado de intencionalidades, presentes no currículo, na arquitetura e em todos os

espaços, pois é um lugar idealizado para diferentes concepções de formação dos sujeitos. Desta forma, Weber e Giordani (2014, p. 96) esclarecem que “por serem planejados pelos homens, os ambientes escolares não são neutros; eles carregam inúmeros interesses, evidentes e ocultos, que agem diretamente na vida dos sujeitos”. Ou seja, a escola se encontra como um espaço político representa um conjunto de produtos culturais de uma comunidade para a formação da sociedade.

Além disso, é necessário esclarecer que dentro da configuração neoliberal da política atual existe a compreensão de uma escola, que não é recente e tem persistindo durante muito tempo, que tem como objetivo principal o controle e domesticação do social e a instrução da classe trabalhadora. Nesse contexto, uma organização hierarquizada e vertical do *ambiente escolar* desde a prática pedagógica da escola até a arquitetura.

Contrário a esse modelo, nossa concepção parte de uma escola que necessita ter uma configuração de um espaço atrativo, lúdico formativo, com características educativas que não se limitam a escolarização dentro da sala de aula, mas, se a estendem a todo ambiente escolar. À vista que, os alunos passam boa parte do dia e da vida dentro das instituições escolares, assim, poderá contribuir para tornar mais prazeroso o que por muito tempo foi imposto como lugar de controle e obediência.

Nesse sentido, partir de Weber e Giordani (2014) entendemos que a escola com elementos ativos no aproveitamento do aprendiz, tais como uma localização salubre (longe do barulho, da violência, da sujeira etc.). Além disso, um espaço que ofereça uma iluminação que permita o desenvolvimento de tarefas de leitura e escrita sem forçar demasiadamente a visão, barreiras acústica e térmica que sejam adequadas (que permitam que os assuntos da classe fiquem restritos à mesma e que a temperatura seja agradável). Enfim, um conjunto de elementos que proporcione um local que possa estimular, atrair e conseqüentemente propiciar o desenvolvimento do aluno.

Nesse sentido, o estágio foi realizado na região agreste de Pernambuco, as escolas desse município estão divididas entre públicas municipais e estaduais e escolas da rede privada, que atendem a um vasto e diverso público. A instituição escolar escolhida é uma escola pública consolidada que foi fundada na década de 60, hoje situada em um prédio provisório, pois a cede da escola está sendo utilizada por outra instituição de ensino.

No sentido geral, na caracterização da instituição o que mais nos inquietou foram as questões da acessibilidade, já que o único acesso para

as salas da parte superior é uma escada, o que não possibilita o acesso a cadeirantes e crianças com outros tipos de deficiência. As rampas são encontradas nos corredores do térreo para dar acesso ao refeitório, a quadra, que é o lugar da recreação das crianças, e também nos banheiros. O que nos leva a destacar, segundo Ribeiro,

que a acessibilidade se refere ao direito que o cidadão tem de ter acesso aos lugares, às pessoas e às atividades humanas. É a possibilidade de interagir com o ambiente em que se vive, portanto tem um sentido mais amplo e não se limita às barreiras arquitetônicas. O acesso fácil ao espaço escolar é condição básica e primordial para a inclusão, sobretudo para os alunos com deficiências que, devido a etiologias variadas, apresentam comprometimento da mobilidade, da coordenação motora, do senso de orientação que dificultam, ou impedem, o acesso a determinados lugares e serviços, principalmente quando a Norma Brasileira Regulamentadora - NBR 9050 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1994), deixa de ser cumprida (2004, p. 109).

No que se refere a outros elementos que proporcionam uma educação inclusiva, destacamos que além de ter uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), como consta na escola, além de que estejam presentes na instituição professores/as capacitados/as e cuidadores/as específicos/as, o espaço físico da escola precisa permitir aos estudantes a autonomia e liberdade para se sentir pertencente e reconhecido, pois o mesmo é palco da prática pedagógica que influi diretamente na aprendizagem do/a aluno/a.

Outros elementos do espaço da instituição que destacamos se referem ao fato de todas as salas de aula são climatizadas, os banheiros da instituição são adequados para o tamanho dos/as estudantes, o refeitório e a quadra (lugar da recreação) são integrados, o que permite uma maior interação e socialização entre as diversas turmas, sendo separados os intervalos do ensino fundamental I e II. O intervalo é feito de forma livre, sem uma recreação direcionada, é feito apenas a observação pelos profissionais de apoio e nesse momento os/as professores/as lancham juntos/as com os/as estudantes no refeitório. Nesse sentido, podemos observar a importância de ambientes que proporcionem um ambiente agradável para que esses momentos como o intervalo, onde as crianças tem a oportunidade de lanchar e brincar livremente.

No que se refere à sala de aula em que estagiamos percebemos que, a disposição das carteiras é em filas, o que permite a professora que nos acolheu um maior controle nos momentos de aula, assim como, a saída para o lanche, o recreio e o retorno são feitos no mesmo sistema. De acordo com essa organização percebemos a perseverança que há nos contextos escolares da necessidade do controle dos corpos das crianças, consequências da concepção de escola tradicional que tem como foco a formatação de “bons/boas” alunos/as.

A sala é decorada com materiais em E.V.A. que são utilizados na rotina diária, destacamos a importância formativa de tudo que está exposto no ambiente escolar como o calendário, a lista nominal, quadro numérico, silabário simples e alfabeto, que auxiliam no processo educativo. Além, disso temos o semáforo do comportamento e o quadro dos “quantos somos”, que exercem uma função de controle e organização dos/as educandos/as.

4. REFLEXÕES SOBRE A AULA COMO ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Como foi destacado durante todo esse texto, o estágio é uma etapa muito importante para formação docente. Como um campo de conhecimento que envolve estudos, análise, reflexão e prática no diálogo entre o ensinar e o aprender. Nesse contexto, a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I tem uma carga horária de 90 horas, sendo estas divididas em momentos na escola e aulas na universidade, o que nos permitiu momentos de orientação, de planejamento das observações das aulas, de regências, de avaliações, de realização de leituras, de reflexões e de discussões sobre as influências do estágio e sua importância para a formação docente.

Nesse contexto, destacamos a importância de uma boa orientação para o estágio durante o curso de formação docente, uma vez que a mesma possibilita uma visão mais aberta da relação teoria/prática como processos mais amplos, contribuindo para a construção da identidade docente. Segundo Veiga,

A identidade docente é uma construção que permeia a vida profissional desde o momento da escolha da profissão, passando pela formação inicial e pelos diferentes espaços institucionais onde se desenvolve a profissão, o

que lhe confere uma dimensão no tempo e no espaço. (2008, p.17).

Com isso, o Estágio aparece como um lugar de experiências e vivências onde teoria e prática caminham juntas, construindo assim, processos de aprendizagem de maneira efetiva e colaborativa a partir do exercício da práxis.

Sendo assim, no decorrer do estágio foram feitas observações e participações no dia a dia da sala de aula, ou seja, da dinâmica que envolve simultaneamente uma relação interativa entre observador-observado, ambas nos aproximam mais da realidade escolar. Concomitantemente com as observações, desenvolvemos o planejamento das nossas regências, que foram realizados com uma análise do registro das aulas e com as sugestões dos conteúdos da professora supervisora e teve o objetivo de oferecer um momento de formação para todos.

Veiga (2008, p. 267) destaca “a organização da aula como projeto colaborativo para nossa reflexão, buscando abrir caminhos para uma discursão frutífera”. Assim, percebemos que esse movimento proporciona um momento de troca de experiências, tendo a sala de aula como um lócus de reflexão sobre o trabalho docente situada em contextos sociais, históricos e culturais.

Para dar início às atividades de estágio, realizamos inicialmente, o contato com a escola e a solicitação para a construção desse trabalho, fomos acolhidos de forma muito receptiva. No primeiro contato com a sala de aula fomos apresentadas a professora e aos/as alunos/as, a professora da turma que foi nossa supervisora nos deu total liberdade para realização do estágio.

Durante as observações foi possível identificar que a professora utiliza um método aproximado ao tradicional, compreendido como modelo que prioriza a transmissão de informações e tem sua centralidade na figura do docente, os estudantes ficam passivos as ações educativas.

Como exemplo das diversas formas de ensino-aprendizagem e da atuação docente na instituição escolar, com base em Soares (1999), destacamos que a literatura infantil é uma forma fundamental de formação da consciência de autor e leitor na criança. Contudo, é muito comum ainda um trabalho de leitura apenas embasado em atividades de interpretação de textos do livro didático, realizado com fragmentos de textos, em debates com perguntas orais sobre o texto lido, “como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendida, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o” (SOARES,

1999, p. 22). Dessa maneira, a relação texto-leitor necessária para compreensão da leitura é quase ausente e tem finalidade apenas instrutiva.

Nas observações, percebemos que as atividades eram mais dirigidas à alfabetização, enquanto processo de codificação da língua e a aplicação de sequências didáticas, que tem foco principalmente na resposta de uma série de perguntas. A vista disso, destacamos que o sistema educacional em si vem priorizando uma concepção técnica de escolarização.

Assim, percebemos a necessidade de realizar atividades mais lúdicas, fazendo contextualizações com a infância e com a realidade dos educandos para que o tempo na escola se torne um momento mais prazeroso. Dessa forma, “a criança passa a ter condições favoráveis de expressar-se autoral e criativamente” (OSTETO; LEITE, 2004, p.34).

Visto que, a sala de aula nos anos iniciais é uma experiência nova para eles e de início boa parte não sabe o motivo de estar ali, demonstrando pouco interesse em momentos que não lhe são significativos. A escola como um todo, é um lugar permeado por regras e diversas formas de conduta, além de uma rotina pré-estabelecida, o que muitas vezes causa o estranhamento do/a educando/a. É necessário reconhecer o espaço da sala de aula como lugar privilegiado de construção de conhecimentos, de experiências, da expressão, imaginação, brincadeira, do trabalho coletivo, e acima de tudo do ser, enquanto sujeito participante e fundamental da vida escolar.

Dessa maneira, após algumas observações conversamos com a professora sobre sugestões e propostas para as nossas aulas. Entendemos que esse momento não é apenas de ação do/a estagiário/a, mas de um diálogo com o/a professor/a supervisor/a do estágio, compreendendo que sua formação e experiências são importantes contribuições para as nossas aprendizagens. Portanto, “O estágio supervisionado não se apresenta como um momento de treinamento, mas de interpretação da realidade e relação com a teoria gerando uma aproximação com a concretude escolar” (ALMEIDA, MENDES e AZEVÊDO, 2019, p.114).

Vale ressaltar que, durante as observações, participamos de atividades planejadas pela professora. Esse primeiro contato foi importante para nós, pois proporcionou tempo de convivência com a rotina da sala de aula, dando para conhecer um pouco os/as alunos/as e a metodologia que a professora da turma utilizava. Durante a vivência dessas atividades buscamos seguir o planejamento da professora e interagir com os/as alunos/as, compreendemos as crianças como parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Com a aproximação é possível conhecer

suas personalidades, potencialidades e dificuldades para que desta forma pudéssemos auxiliar durante as atividades e para que nossa aula fosse pensada para eles/elas e de forma que houvesse a participação dos mesmos de forma ativa.

Para esses momentos compreendemos a partir de Veiga (2008) que, a aula não pode ser vista como movimento mecânico e como uma receita pronta, mas é no cotidiano que emergem situações mais complexas que requerem uma atitude profissional com uma atuação criativa, colaborativa, bem fundamentada e rigorosa.

Por conseguinte, partindo das reflexões dos/as autores/as sobre a prática docente, como também, as vivências do estágio, as observações e juntamente com a professora buscamos desenvolver um plano de aula que contemplasse a realidade dos educandos, entendendo esse espaço como lugar que preze por uma ludicidade e que permita a existência do “ser criança”. Compreendendo esse local como um espaço de construções significativas no processo de formação contínua de professores, contribuindo com o fazer profissional, ou seja, os saberes específicos do saber docente. Além disso, também é um espaço de troca entre nós e a professora, troca de experiências, conversas sobre os desafios da docência, enfim, esta foi uma relação de coletividade.

Nesse contexto, a proposta de criação e a realização do plano de aula durante o estágio nos permitiram não só vivenciar o trabalho docente, mas ampliar as possibilidades de ações em um contexto coletivo. Desta forma, rompe-se com a ideia de estágio ser feito apenas por observação, o colocando na posição de ação do cotidiano vivido. Assim, o estágio é entendido como um movimento, “movimento de ação e reflexão que não pode ser denominado apenas como espaço ou apenas como tempo, visto que as ações presentes em sua realização transversalizam os muros da sala de aula, bem como o momento da ação” (ALMEIDA, MENDES e AZEVÊDO, 2019, p.116).

É importante destacar que, o planejamento da aula não é algo fechado e estático e que está aberto ao contexto. Isso porque, o processo de construção evolue o/a estagiário/a, o/a professoro/a e os/as alunos/as levando em consideração muito mais do que o aprendido na academia, mas o contexto escolar, suas contradições e especificações. Dessa forma, a elaboração didática da aula segundo Veiga (2008, p.269-270) se caracteriza pela;

- A colaboração envolve as formas de relações colegiais entre os professores e os alunos [...];

- A contextualização da aula tem como referente ao contexto social mais amplo, o contexto educativo imediato, bem como as características e peculiaridades do conjunto de alunos, suas necessidades cognitivas, afetivas, psicomotoras e socioculturais;
- A coerência com o projeto político-pedagógico e com as orientações curriculares e de ensino para o desenvolvimento da aula;
- A diversidade, a fim de atender às diferentes origens dos alunos, aos diferentes valores morais e éticos, às diferentes culturas. [...]
- A flexibilidade permite uma organização leve, flexível e possível de ser ajustada de acordo com as necessidades destacadas por professores e alunos. A organização da aula é pensada para nortear o processo didático e não para condicioná-lo;
- A qualidade da aula é fundamental, na autonomia, na criatividade, na criticidade, na ética, na solidariedade e na colaboração.

Assim, a construção do plano vai além de instituir os conteúdos para determinada aula, mas surge como espaço de diálogos na relação professor-aluno-sociedade buscando um trabalho comprometido e significativo.

Dessa maneira, a partir das contribuições dos autores e do cotidiano escolar construímos o plano de aula que tem como objetivo geral; estimular a imaginação e criatividade através da expressão do ser criança. Para responder o mesmo pormo-nos a: a) desenvolver uso das palavras para além de um código, mas como forma de expressão do sujeito; b) apresentar os gêneros biografia e autobiografia a partir da história de Manuel de Barros e dos próprios alunos/as; c) apresentar a leitura e a escrita como um elemento mais significativo; d) propiciar o envolvimento com as artes como experiências de sensibilidade, percepção e imaginação; e) elaborar um livro de desenhos com histórias contadas pelas das crianças. Nesse sentido, com o plano construído mostramos para a professora para que ela avaliasse, a professora autorizou o plano e dessa maneira marcamos nossos dias de regência.

No primeiro dia de regência organizamos a sala de aula em um semi-círculo, entendendo que o espaço físico também contribui nos processos de ensino/aprendizagem. Uma vez que, “não basta à criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente” (HORN, 2008, p.15). Por esta razão buscamos proporcionar um ambiente que permitisse,

o que um dos maiores pensadores sobre educação, Paulo Freire (2018), diz de uma educação como prática de liberdade, ou seja, da oportunidade ao sujeito de que ele se expresse e seja ouvido em suas diversas formas como o corpo, o olhar, a mente e em especial a criatividade.

Nesse sentido, para a primeira atividade sentamos com as crianças no chão em torno da organização das cadeiras e apresentamos inicialmente à biografia de Manuel de Barros destacando suas obras e como elas foram escritas no seu contexto filosófico e poético. Para esse momento dialogamos com a turma sobre a vida dele e que o texto que estávamos apresentamos tratava sobre isso, ou seja, trazia características de uma biografia.

Para a elaboração do conceito de biografia levantamos o conhecimento prévio das crianças sobre outros gêneros textuais os quais eles já tinham estudado e vários exemplos surgiram dos/as alunos/as como conto de fadas, poema, receita, cartas. Dessa maneira, destacamos Freire (2018) quando afirma que, ensinar exige considerar os saberes dos/as educandos/as. Com esses conhecimentos rememorados começamos a caracterizar quais seriam as particularidades da biografia para que assim eles conseguissem diferenciar e reconhecer o gênero textual.

Para avaliar esse momento buscamos ouvir das crianças quais as conclusões que tinham feito e se conseguiram sistematizar o conhecimento. Na compreensão que, “A avaliação deve constituir uma oportunidade real de demonstrar o que os sujeitos sabem e como sabem. Somente assim o professor poderá detectar a consistência do saber adquirido e a solidez sobre a qual vai constituindo seu conhecimento” (MENDES, 2002, p.82). A partir da avaliação entendemos que as crianças sistematizaram os conhecimentos sobre o que é uma biografia e de quem é Manoel de Barros e então começamos o terceiro momento da aula.

Assim, apresentamos uma das obras de Manoel de Barros com o objetivo de proporcionar as crianças um momento de imaginação com os textos do autor. O livro utilizado foi “Exercícios de Ser Criança”, durante a leitura deixamos as crianças com total liberdade para que participassem e pudessem expor sua criatividade. Dessa forma, podemos perceber junto com as crianças um texto poético, explicando para elas que a poesia vai além das rimas, mas de textos carregados de sentidos e emoções. Esse momento pode ser destacado na fala de uma aluna que diz, “-carregar água na peneira é o mesmo que escrever, começa pela cabeça e escorre pelas mãos”. Entendemos que, as crianças carregam uma imaginação e

uma capacidade poética incrível e dessa maneira destacamos a necessidade de desenvolver esses aspectos durante as aulas.

Nesse contexto, é importante rememorar que a inserção no mundo da leitura e da escrita é essencial para a formação do aluno, principalmente nesta fase do Ensino Fundamental I. Através da reflexão, do diálogo e da experiência como um processo contínuo e dinâmico de aprendizagens. Partimos da compreensão que uma escolarização adequada oportuniza o estudante a desenvolver o conceito de autoria, de obra, de fragmento de obra (SOARES, 1999).

Dessa forma, quando objetivamos trabalhar a literatura no seu sentido completo com a intenção de desenvolver o senso-crítico dos/as alunos/as isso consiste em ampliar a visão e a relação do sujeito com mundo em que vive, ou seja, trabalhar uma perspectiva de formação de um sujeito leitor, que vai além da instrumentalidade e criar mediações voltadas na prática leitora apropriada de significações.

No quarto momento, explicamos para as crianças o que era uma autobiografia e suas diferenças da biografia. Como a autobiografia é um texto construído pelo próprio autor, pedimos para as crianças que fizessem seus desenhos e textos falando sobre elas. Nesse momento, as crianças retornam as suas cadeiras e começam os registros, inicialmente com desenhos e depois com pequenos textos que trataram em sua maioria dos seus nomes, idades, comidas preferidas e sonhos. Nesse sentido, trabalhamos a alfabetização/letramento como um processo que tem relação com a vida do sujeito e a aprendizagem de uma forma geral.

É necessário destacar, que na turma que realizamos o estágio tem um aluno com autismo, ele não participou dessas atividades, nesse dia em especial, ele tinha passado por alguns problemas pessoais e não conseguiu interagir. No entanto destacamos a importância de sistemas educacionais inclusivos ricos em estímulos e com fortalecimento da participação plena dos alunos nas salas de aula, por meio de oportunidades efetivas de desenvolvimento do potencial e do atendimento às suas necessidades educacionais específicas.

No segundo dia de regência iniciamos perguntando as crianças o que elas se lembravam da aula anterior com o objetivo principal em discutir o que era a imaginação. Em seguida realizamos uma dinâmica com a música “o pano encantado” que tem como objetivo fazer com um pedaço de pano as ordens que a música traz como “fazer um trem, um navio, uma passarela ou um paraquedas” com essa brincadeira foi realizada com o

intuito de instigar momentos de diversão, criatividade e a expressividade do corpo.

Após esses momentos, planejamos trabalhar com matemática partindo da pressuposição de que a Matemática é instrumento necessário para diversas áreas do conhecimento e se insere de forma marcante em nossas vidas. Nesse sentido, no segundo um momento da aula começamos a explicação sobre as formas geométricas planas e pedimos para as crianças observarem quais formas geométricas poderíamos encontrar no livro “exercícios de ser criança”, levamos também alguns exemplos feitos em EVA e madeira. Pedimos para as crianças falarem quais as formas apresentadas e se elas as conheciam.

Em seguida fizemos um caça tesouros das formas geométricas, onde as crianças procuraram pela sala as figuras que tínhamos escondido e encaixaram nos espaços corretos dizendo quais os nomes de cada forma respectivamente. Nesse momento, tivemos a participação de todos os alunos e com o auxílio da cuidadora o aluno autista também pode participar e se divertir durante a brincadeira. Freire (2018) nos esclarece a importância de que na experiência educativa, estudantes e docentes convivam com diversos saberes e assim, os mesmos se tornem sabedoria, desta forma estaremos exercitando a nossa capacidade de aprender e de ensinar.

Depois de discutimos sobre as formas geométricas, trabalhamos também as cores, fazendo relação das formas geométricas presentes no ambiente da sala de aula e as cores que elas apresentavam. Por fim fizemos a apresentação da história dos senhores formas geométricas. Dividimos a sala em grupo e cada grupo ficou responsável por criar uma história para sua forma geométrica. Essas histórias foram registradas em produções de desenhos, e os textos foram realizados através da produção oral, na qual as crianças tiveram a oportunidade de contar sobre o que desenharam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do vivido, entendemos o estágio supervisionado como fundante no processo de formação dos/as estudantes de graduação, priorizando a aproximação entre a academia e o campo de atuação profissional. Permitindo assim uma experiência com a docência e o contato com as experiências e práticas desenvolvidas por professores em atuação.

O estágio oportuniza a quebra da dicotomia entre teoria e prática, nos levando a perceber a aproximação entre ambas. A vivência nos leva a conhecer o cotidiano da vida escolar, seus desafios e possibilidades, tendo a figura do professor/a como mediador dos processos de ensino-aprendizagem e os estudantes como sujeitos ativos neste processo.

A experiência em sala de aula, na disciplina de estágio supervisionado é de cunho formativo, pois permite uma interação entre os saberes acadêmicos e os saberes da prática docente. Nesse sentido, Pimenta e Lima (2006, p. 14) afirmam que “é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá”. Tornando-se assim, um mecanismo de reflexão e transformação da prática docente e também da prática educativa.

Temos, portanto, na vivência no contexto escolar a oportunidade de reflexão sobre as práticas e a oportunidade de ressignificação das mesmas. Esse movimento se dá no entendimento de que o estágio não é realizado apenas pela observação, mas também pela participação e interação com os sujeitos e com o ambiente.

A partir da experiência afirmamos que a experiência no estágio supervisionado II foi de suma importância para a nossa formação, assim como desafiador e instigante. Pois nos foi dado o direcionamento para trabalhar uma das obras de Manoel de Barros e nosso planejamento foi feito em torno da obra “exercícios de ser criança”. É necessário destacar que umas das nossas considerações presumem apontar para alternativas outras do ensino do sistema de escrita alfabética e matemática. Levando em consideração que são as disciplinas que são base dos sistemas de avaliação escolar em larga escala essas matérias costumam ter caráter técnico e instrutivo. Assim, laçamos mão, como vem sendo destacado por inúmeros pesquisadores da área, de um ensino que priorize a formação interligada ao respeito às diferenças dos/as alunos/as, o diálogo entre os saberes, tendo em vista a ligação entre o ensinar e o aprender como processos indissociáveis.

Dessa maneira, percebemos que os textos de Manuel de Barros podem promover um ambiente escolar que desenvolve a criatividade. A mesma, é um elemento importante no contexto educacional e já que desenvolve a inventividade e pode ser um elemento chave para estimular diversas expressões sociais no ambiente escolar.

Mediante o exposto, concluímos com a certeza de que alcançamos nosso objetivo de levar a ludicidade e de permitir as crianças o espaço de

ser e se expressar livremente como construtores do saber e colaboradores no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ÁVARES MÉNDEZ, Juan Manuel. Avaliação como atividade crítica de conhecimento. In: **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Tradução da Magda Schwarzaupt Chaves. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2002.

DE ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde; DE OLIVEIRA MENDES, Solange Alves; AZEVÊDO, Ana Priscila de Lima Araújo. O estágio supervisionado na formação de professores como espaço-tempo de reflexão sobre e na prática. **Laplage em revista**, v. 5, n. 1, p. 108-120, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Artmed Editora, 2009.

MORAES, Dislane Zerbinatti. O que a escola faz com o currículo de história: o exame dos sentidos do trabalho docente e da lógica das práticas de ensino. **O que a escola faz? Elementos para a compreensão da vida escolar**, 2015.

RIBEIRO, S. L. ESCOLAR: **UM ELEMENTO (IN)VISÍVEL NO CURRÍCULO**. Sitientibus, Feira de Santana, n.31, p.103-118, jul./dez. 2004.

OSTETTO, L. E.; LEITE, M. I. **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão**. Campinas: Papirus, 2004.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOARES, Magda et al. A escolarização da literatura infantil e juvenil. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-48, 1999.

VAZQUEZ, A. S. Filosofia da Práxis. 2ª edição. **Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra**, 1977.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência como atividade profissional. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'ÁVILA, Cristina Maria (orgs.). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

WEBER. E. P. GIORDANI, E. M. **Uma reflexão sobre a arquitetura nos espaços da educação**. Anais do Congresso Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura Fundação Antonio Meneghetti & Antonio Meneghetti Faculdade – Recanto Maestro | 15 a 17 de out -2014.